

## **O Meu Boi Morreu: O Ritual de Morte do Bumba Boi “Rei da Boiada”**

Calil Felipe Zacarias Abrão<sup>1</sup>

O objetivo deste trabalho é analisar o grupo cultural Rei da Boiada da cidade de Parnaíba<sup>2</sup>, o boi tem 53 anos, foi fundado em 1963 pelas famílias Neres (popular Morenos), os Reis e os Santos. Com o processo de modernização dos Bois de Parnaíba, os Bois adulto (Novo Vencedor) e mirim (Novo Dominante) dos Morenos foram extintos e os brincantes foram incorporados ao Rei da Boiada<sup>3</sup>. O atual Proprietário, João Batista Filho, é o amo principal do Boi, filho de João Peinha e neto de Sebastião Gerônimo, ambos amos de boi. Batista é dono e amo também do Boi Mirim: Garantido. O boi adulto Rei da Boiada foi campeão 15 vezes no São João da Parnaíba, que acontece todo mês de julho com premiação. Tem um título Regional do campeonato feito em Parnaíba que reuniu os bois da região norte do Estado, e um título Estadual em 2005 do festival Nacional de folgedos que acontece em Teresina<sup>4</sup> com a toada sobre a fundação da vila de São João da Parnaíba. Atualmente na cidade temos na categoria adulto: o boi Novo Lírio, Flor do Lírio, Fazendinha, Rei da Boiada, Brilho da Ilha, Estrela Cadente, Igarçu. Na categoria mirim: o boi Precioso, Caprichoso, Estrela Cadente, Estrela Mandacaru e Garantido. É uma característica Parnaibana a existência de Bois mirins, inclusive com a prefeitura organizando campeonato com disputa de prêmios financeiros.

O ritual de morte do grupo cultural Rei da Boiada reúne o número de cinco mil pessoas no campo do Botafogo no bairro Catanduvás<sup>5</sup>. O ritual de morte do boi inicia com a

---

<sup>1</sup> Especialista Em História Sociocultural pela UESPI- Campus Torquato Neto, Especialista em História do Brasil pela UESPI-Campus Clovis Moura e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-GO.

<sup>2</sup> Localizada no extremo norte do estado do Piauí, a cidade de Parnaíba caracteriza-se como a primeira cidade piauiense com fortes características comerciais, favorecida pela existência de um delta em mar aberto e pela presença do rio Parnaíba. O primeiro surto de desenvolvimento econômico ocorreu no final do século XVIII com a pecuária e a indústria do charque, nos anos finais do século XIX e início do XX com as exportações de produtos extrativistas, a borracha de maniçoba, cera de carnaúba e o babaçu.

<sup>3</sup> PERDAS e ganhos. *O Bembém*. Ano 2, n. 19, 21 de Julho de 2009, p. 7.

<sup>4</sup> Capital do Estado do Piauí, 354 km de Parnaíba.

<sup>5</sup> Antiga fazenda de gado do Simplício Dias, um dos mais importantes comerciantes de Parnaíba com o charque e o couro no século XIX. Fazenda que possuía escravos. Bairro afastado do centro, na saída para o município de Luís Correia.

fuga do boi pelas ruas da cidade, o trajeto começa na sede do boi às 13 horas e 30 minutos com retorno à sede às 17 horas depois de percorrer do bairro Catanduvas ao Pindorama<sup>6</sup>. O cortejo é acompanhado por alguns integrantes do boi mirim Garantido, crianças na faixa etária de 14 a 15 anos numa espécie de ritual de iniciação para o boi adulto. O Ritual de Morte se realiza, desde a fundação do boi, no segundo sábado de agosto. Após o cortejo acontece a maior apresentação do ano, onde são cantadas as principais toadas do boi. Durante as últimas músicas, reinicia-se a perseguição do boi, agora dentro do “arraial”. O boi demora três toadas para entrar em cena, entra no terreiro e fica brincando com o público até a sexta toada quando começa a ser caçado pelos vaqueiros, laçado e derrubado várias vezes, até que na sétima toada o amo canta: “vai morrer, vai se acabar”, o boi é derrubado e arrastado ao mourão pelos vaqueiros, fica preso ao mourão para ser sangrado. A madrinha e o padrinho do boi coletam o seu sangue representado pelo vinho e distribuem para os adultos, para as crianças, suco de uva. A Festa tem características Dionisíacas, 50 litros de vinho são misturados a 20 litros de cachaça. Difere-se dos bois do Maranhão que antes do ritual apresentam bandas de regue e até mesmo de axé, como por exemplo, a morte do boi de Axixá em 2013 no seu “viva”<sup>7</sup> na cidade de Axixá antecedido por um show de regue, e em 2014 no boi Brilho da Terra do quarto conjunto da COHAB-MA.

Durante o Ritual de Morte do Rei da Boiada participaram 179 brincantes: 26 Caboclos Reais, 16 vaqueiros adultos, 11 vaqueiras, 3 facas<sup>8</sup>, 1 roncadeira, 2 índias guerreiras, 1 porta estandarte, 1 pajé, 1 sinhazinha, 36 boieiros, 12 vaqueiros mirins, 12 índias, 2 sargento, 1 cavaco, 1 banjo, 1 índia iaporanga, 3 Amos, 1 cacique, 1 curandeiro, Catrevagem completa (Boi, Burrinha, Folharal, Paifrancisco e Catirina) 16 organização, 6 na produção e os tambôzeiros. A comédia, o drama e a tragédia estão presentes no ritual, a comédia é comandada pela Catrevagem, o drama e a tragédia por parte da Catrevagem (Boi, Paifrancisco e Catirina) e pelos vaqueiros. Em Parnaíba, os rituais de morte se diferem em infraestrutura, cortejo e quantidade de brincantes. No ritual da Morte do boi Novo Lírio 2013, por exemplo, as índias que levaram o Boi laçado até o mourão, as toadas cantavam as riquezas e pontos

<sup>6</sup> Bairro localizado na saída pra Teresina.

<sup>8</sup> Espaço onde acontece a morte do boi. A maioria dos bois maranhenses possuem o seu ‘viva’ onde realizam o ritual de morte

<sup>8</sup> Brincante que fica em baixo do boi. No Maranhão denomina-se Miolo.

turísticos e históricos da cidade de Parnaíba, possui um cortejo pequeno. O ritual do boi Brilho da ilha, 2014, também possui um cortejo pequeno realizado ruas da Ilha Grande de Santa Isabel<sup>9</sup>. Os rituais de morte em Parnaíba se diferem em proporção e infraestrutura. Enquanto que o proprietário do Rei da Boiada consegue patrocínios, divulgação e atrai uma multidão, tornando o seu ritual um dos principais eventos culturais da cidade, o boi Brilho da Ilha não possui transporte para carregar as caixas de som para a brincadeira. Se a estrutura e divulgação são diferentes o resultado, no entanto não é totalmente desfavorável ao boi Brilho da Ilha, localizado num dos três celeiros de Bois, a ilha, que é também sede do vitorioso Boi Novo Fazendinha, que conquistou metade dos títulos disputados nos últimos dez anos no São João da Parnaíba.

As cores principais do Rei da Boiada são o vermelho, o amarelo e o branco. Foi o primeiro grupo de Parnaíba a incluir mulheres no batalhão, segundo João Batista Filho<sup>10</sup>, depois de ver a reação positiva do público Parnaibano a uma apresentação do Boi Pirlampo de São Luís trazido pela prefeitura de Parnaíba para o São João. A tradição oral faz do Rei da Boiada um boi quase centenário, já passou por várias denominações no decorrer da sua história. Só como Rei da Boiada ele existe há 53 anos. O Boi mais antigo de Parnaíba não incorporou apenas os brincantes, também saberes dos bois extintos do seu bairro Catanduvás. No sotaque, seus Tambores aproximam-se dos bois de Teresina que são mais impactados pelos bois de Matraca do Maranhão, mesmo em Parnaíba o boi conversa com outros currais. Tradicionalmente a cidade tem três grandes currais: O Catanduvás, Os Tucuns<sup>11</sup>, e a Ilha Grande de Santa Isabel. Nos Tucuns é forte a presença de escolas de samba, e também ali a modernização dos bois acabou com o boi mirim: Prateado de onde Batista<sup>12</sup> buscou Rafael da Guia e seu pai João da Guia para cuidarem dos adereços do boi. E foi mais ousado ainda ao buscar nas quadrilhas o bailarino Charles para ser o pajé do boi, bem como na utilização de instrumentos de corda com o cavaquinho e o banjo, instrumentos mais utilizados nos bois de orquestra do Maranhão. Batista é repentista e autor da única Toada Parnaibana, gravada num

<sup>9</sup> Parte piauiense do Delta das Américas.

<sup>10</sup> BATISTA FILHO, João. *Grupo cultural Rei da Boiada*. Entrevista concedida novembro de 2014 e Abril de 2016 em Parnaíba.

<sup>11</sup> Atual Bairro São José, próximo ao centro da cidade, na beira do Rio Igarauçu, um braço do Rio Parnaíba. Antiga zona portuária.

<sup>12</sup> BATISTA, 2014.

CD pela secretaria estadual de cultura, lembrando que em Parnaíba os bois registram suas atividades em DVD. O processo de modernização de bois é antigo, tem etapas e se intensificou nas últimas décadas com a premiação do concurso de bois pela prefeitura. Hoje é praticamente impossível um boi pequeno e mesmo médio pensar em título, para ser campeão do São João da Parnaíba, um dos critérios é o batalhão preencher a Praça Mandu Ladino<sup>13</sup>. Assim os custos se tornam altos e os donos de bois são pobres<sup>14</sup>.

Para Batista<sup>15</sup> nunca houve batizado de boi em Parnaíba. Foi o mesmo que ouvimos do Seu Bandeira<sup>16</sup> bem como de todos os outros entrevistados e fontes consultadas. Em Parnaíba, portanto não existe ritual de batizado de boi se difere assim do Maranhão, o que parece ser compensado pela existência de bois mirins que na sua prática apontam para uma espécie de rito de iniciação para crianças ingressarem nos Bois adultos. Batista<sup>17</sup> também nos lembra de que como em outras partes do Brasil, a brincadeira de boi em Parnaíba era precedida pela licença pedida na delegacia na época em que seu pai era o amo da brincadeira. Seu Bandeira com seus 80 anos foi várias vezes tirar licença para poder “botar o boi para brincar”<sup>18</sup>. O memorialista Benjamin Santos<sup>19</sup> também nos fala da obrigatoriedade da licença. O conjunto da produção acadêmica do Maranhão sobre boi também nos aponta na mesma direção, utilizando para isso não só as fontes memorialísticas como fontes escritas<sup>20</sup>.

<sup>13</sup> Inaugurada dia 22 de junho de 2007, inicialmente chamada de quadrilhódromo. Sobre a Praça ler: *O Piaguí Culturalista*. Parnaíba, junho de 2016, Ano IX, n. 104, p. 12.

<sup>14</sup> Sobre a condição financeira dos brincantes e donos de boi, ler: ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. *O “urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. 2004. 343f. Tese (Doutorado em ciências sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, p. 52. Ler também: O BEMBÉM. *Cadê os bois?* Parnaíba, n. 67, julho de 2013.

<sup>15</sup> BATISTA, 2016.

<sup>16</sup> BANDEIRA, Raimundo. *Boi Igarassu*. Entrevista concedida em Outubro 2014 em Parnaíba.

<sup>17</sup> BATISTA, 2014.

<sup>18</sup> BANDEIRA, 2014.

<sup>19</sup> CADÊ os bois. *O Bembém*. Ano 6, n. 67, 21 de Julho de 2013.

<sup>20</sup> FERRETTI, Mundicarmo (Org.). *Um caso de polícia! Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977*. São Luis: EDUFMA, 2015.

Pedrazani<sup>21</sup> mostrou a importância do ritual do batizado em Teresina, que assinala a transformação de pagão para cristão, concentrou o seu trabalho em apenas dois bois: o Imperador da Ilha comandado por mestre Raimundo localizado no bairro Piçarra e o grupo Dominador do Sertão comandado por mestre Edmilson localizado na Vila São Francisco Norte, visto que todos se batizam em Teresina no mesmo dia. Benjamin Santos nos lembra de que os bois de Parnaíba eram dedicados a São João e que talvez isso “venha do tempo em que o lugar se chamava Vila de São João da Parnaíba”<sup>22</sup>. Quanto ao ritual de morte do Rei da Boiada, bem como de todos os bois de Parnaíba ocorrem em um dia. Quanto a ritual de morte, temos no livro: *Um caso de Polícia!*<sup>23</sup> a propaganda de um Ritual de Morte de Boi na periferia de São Luís. A notícia foi vinculada no jornal Pacotilha em 23 de julho de 1897 intitulava-se Grande Festa:

Morte do Bumba-meu-Boi do Areal ao Caminho Grande Domingo, 25 corrente. Programa: Sábado 24 das 8 horas da noite às 3 horas da madrugada, haverá dança de Bumba-meu-Boi e a popular dança de tambor; domingo 25 às 4h. da tarde terá começo o festejo desse dia anunciado por uma salva de foguetes de bomba real, e uma combinada orquestra, às 8 horas da noite será queimado um lino fogo de corda preparado a capricho pelo hábil e distinto artista, cidadão Antonio Costa, terminado assim este tão agradável entretenimento. O encarregado desta festa convida a este ordeiro e pacato povo maranhense a passar uma tarde bem divertida, esperando-os com cerveja fria, bom vinho, cana-capina, petiscos e bom café e previne ao público que os negros Pae Francisco e Mae Catharina, com suas pilherias tocantes tratara os espectadores em continuas gargalhadas. Ao areal rapaziada, haverá muita ordem e moralidade. Entrada geral – 20 rs. Cadeiras com nº - 40 rs. Maranhão, 21 de julho de 1897.

Outra notícia de “Morte” de boi encontramos no *Pacotilha* de 10 de setembro de 1929. Ali a matéria não nos se informa que se trata da última e mais importante apresentação do Boi no ano, mas fica evidente pela data da brincadeira. Desconhecimento do autor ou estratégia para diminuir a importância do evento e acentuar seus transtornos? Outra estratégia da notícia

<sup>21</sup> PEDRAZANI, Viviane. *No “miolo” da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí*. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2010.

<sup>22</sup> FUNDAÇÃO da vila de São João da Parnaíba. *O Bembém*. Ano 2, n. 24, 21 de dezembro de 2009, p. 10.

<sup>23</sup> FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha (Org.). *Um caso de polícia! Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977*. São Luís: EDUFMA, 2015.

é constranger o dono da casa que contratou a brincadeira. O texto se intitulava “O bumba meu boi”

O bumba meu boi já vai abusando. Ontem à noite as famílias que se recolhiam do espetáculo pela rua do Sol, viram-se forçadas a dar volta por outra rua porque o bumba, que dançava em frente á casa do sr. Augusto Rosa embargava completamente o transito. Pedimos providencias á policia<sup>24</sup>.

No texto fica claro uma tendência do Boi maranhense em realizar seus Rituais de Morte em pelo menos dois dias e de contratar outras atrações para aglutinar um publico maior. Os ensaios já eram realizados no mês de maio o que fica evidenciado na matéria do “Pacotilha” intitulada reclamações do povo de 31 de maio de 1916:

Pedimos a atenção da policia para os infernais ensaios de “Bumba” que se realizam todas as noites á rua de São Pantaeão, entre Cajazeiras e Santiago. Além do palavrório obsceno, vem algazarra acompanhada de rolos, etc<sup>25</sup>.

O ritual de morte do boi é um dos pilares da cultura de bumba boi do Maranhão. A grande maioria dos bois maranhenses morrem de setembro a outubro, alguns bois alternativos não realizam o ritual o que parece ter confundido alguns pesquisadores tendo em vista que os bois alternativos são minoria. O Ritual de Morte no Maranhão tanto na opinião de Regis Marques<sup>26</sup> quanto de Ribão<sup>27</sup> é mais forte nos Bois com sotaque de Matraca e Zabuma do que nos bois de orquestra. Ribão destaca os Rituais dos bois de Maracanã e Itapera, ambos localizados na ilha de São Luís. Regis Marques viu um Ritual de Morte pela primeira vez quando participou como amo do ritual do “Boi de Rampa”, da cidade de Humberto de Campos (MA). Cita os Bois de Guimaraes, Maracanã e Tamarineiro como exemplos de rituais de morte que foram ou são muito prestigiados. Em números Regis e Ribão também coincidem, cinco mil pessoas por noite nos principais rituais de morte de bois no Maranhão. A quantidade de dias é uma diferença marcante entre a Morte do Rei da Boiada, bem como a de todos os demais bois de Parnaíba, com os do Maranhão. Enquanto em Parnaíba, tudo se resolve durante uma tarde e uma noite, no Bumba Boi de Periz de Cima, por exemplo, nas

---

<sup>24</sup> FERRETTI, 2015.

<sup>25</sup> FERRETTI, 2015

<sup>26</sup> Amo do boi de Axixá.

<sup>27</sup> Amo do boi de Periz de Cima e cantor do grupo foliões.

proximidades de São Luís o Boi foge no final primeira noite, é caçado na segunda e morto na terceira noite, onde acontece o ritual propriamente dito. No boi de Mamão de Santa Catarina não existe Ritual de Morte separado da ressurreição imediata do Boi. Marcio Guimarães, brincante e empresário de Boi, lembra que o Boi saía pela última vez no dia 10 de fevereiro e que ao voltar para a sua casa colocava os personagens no centro da roda e os destruía, não entendia a razão, mas passava uma sensação de fidelidade ao Boi, que nos serviu na temporada e que assim seu espírito descansaria até a próxima temporada, sem que ninguém pudesse fazer mau uso do brinquedo. Só se aproveitava a cabeça do boi, que era a própria ossada de um Boi, insubstituível e significava a identidade de cada grupo.

No Maranhão são comuns os rituais de morte durarem dois, três e até mesmo quatro dias. Já Batista<sup>28</sup> proprietário e Amo do Grupo cultural Rei da Boiada viu ritual de boi no seu bairro ainda criança, eram dois Bois, o Rei da Boiada e o Boi dos Morenos, um morria no segundo sábado de agosto e outro no terceiro sábado. Em Teresina as mortes se concentram entre os meses agosto e setembro, alguns grupos chegam a realizá-lo em outubro<sup>29</sup>. Em Parnaíba enquanto Rei da Boiada é o primeiro a morrer no segundo sábado de agosto, tem boi que morre até mesmo em outubro como foi o caso em 2014 do boi Campina Verde do antigo bairro Cataventos, atual São Vicente de Paula. Em Parnaíba, entre os brincantes de boi se diz que o “boi mais fraco daqui é melhor que o mais forte de Teresina”<sup>30</sup>. A única voz dissonante é a do Bandeira<sup>31</sup> um entusiasta, por exemplo, do Boi Imperador da Ilha de Teresina. Os Bois de Teresina, Pedrazani<sup>32</sup> indica que foram reerguidos nos anos 70 com a ajuda do governo, incentivando por migrantes da região central do Piauí que migram para a capital nos momentos de crise da economia Piauiense e levavam consigo os seus saberes.

Carlos Penna Botto no livro *Meu exílio no Piauí*, talvez se constitua do mais antigo registro descritivo da brincadeira de boi em Parnaíba. Penna Botto chegou a Parnaíba em novembro de 1929 vindo do Rio de Janeiro para exercer a função de Capitão dos Portos do Estado do Piauí, retornando ao Rio de Janeiro em agosto de 1930, passando, portanto o

<sup>28</sup> BATISTA, 2014.

<sup>29</sup> PEDRAZANI, 2010, p. 151.

<sup>30</sup> BATISTA, 2014.

<sup>31</sup> BANDEIRA, 2014

<sup>32</sup> PEDRAZANI, 2010.

período Junino em Parnaíba. No texto sobre o boi Parnaibano publicado por Botto em 1931 se lê :

Outra coisa chocante em Parnaíba e que está a chamar a ação policial é o bacanal conhecido pela denominação de: “o boi”. Trata-se de grupos de caboclos e pretos, homens e mulheres, todos indivíduos desclassificados, que percorrem as ruas da cidade, de dia e a á noite, desde S. João (24 de junho) até S. Pedro (29 de junho), as vezes até mesmo 1 de julho. A frente de cada grupo váe, aos pinotes, um robusto negralhão fantasiado de “boi”; ao “boi” segue-se o tocador de um instrumento sonoro africano, uma espécie de tambor que emite sons mistos e plangentes, e atrás, aos saltos e gritos, uma quarentena de maltrapilhos, seminus, arquejantes, ébrios... E uma cena verdadeiramente africana, de uma selvageria impressionante! Por mais de uma vez foi despertado, alta madrugada, pela passagem barulhenta “Boi” pela porta as Capitania. No ultimo dia cada grupo “mata o Boi”, simbolicamente, no meio de uma orgia pandemônica!<sup>33</sup>

Do relato de Penna Botto podemos afirmar que existiam pelo menos 02 bois em Parnaíba em 1930, provavelmente 03 pela forma que o autor estrutura o parágrafo. Seriam provavelmente os três celeiros tradicionais, São Jose, Cantanduvás e Ilha grande de Santa Isabel? O boi já era brincado no mês de junho. Não sabemos quando esse auto do ciclo natalino tornou-se uma festa do período junino no Maranhão, Piauí e Amazônia. As lendas Maranhenses sobre dom Sebastião parecem sugerir que foi no Maranhão que o boi se tornou uma brincadeira junina. Nos anos 30, segundo Penna Botto, a orquestra era formada por um único instrumento, um tambor. Quanto aos instrumentos temos os relatos de Raimundo Rocha<sup>34</sup> no Boletim da Comissão Maranhense de Folclore onde afirma estar o boi antigo “se modernizando e, com isto, perdendo o que tinha de mais original e mais belo. Sua pancadaria constituída por matracas, cedeu lugar a cuícas, pandeiros, tambor, maracás e apitos, que à distância imprimem um aspecto macabro à brincadeira”<sup>35</sup>. Mediante a análise das fontes não podemos afirmar quando o tambor foi introduzido em Parnaíba. Já a presença de mulheres nos

<sup>33</sup> PENNA BOTTO, Carlos. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931, p. 214-215.

<sup>34</sup> Comerciante e escritor natural do Rio Grande do Norte radicado em São Luís, onde faleceu em 1969. Membro fundador da Comissão Piauiense de Folclore.

<sup>35</sup> ROCHA, Raimundo. Observando e anotando I, o bumba meu boi. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, n. 47, agosto 2010.



anos 30 é precoce em Parnaíba. Nos anos 50, Benjamim<sup>36</sup> só fala na presença de homens. Teria se enganado o capitão que vira por duas vezes o boi passar na porta da sua Capitania? Ou o que teria feito às mulheres abandonarem o boi nos anos 50? Os brincantes são pobres, desclassificados, maltrapilhos, seminus. Caráter africano<sup>37</sup>. Quanto à presença de mulheres, o jornal *O Bembém* afirma que o boi “Era brincadeira de homem. E eram todos homens feitos, de uns trinta anos pra mais: estivadores, magarefes, cortadores de carnaúba... Cada um brincava pelo prazer de brincar ou por promessa feita a São João. E cada um pagava o custo de sua própria roupa”<sup>38</sup>. Quanto à condição financeira dos brincantes de boi, tanto em Parnaíba, quanto no Maranhão apontam para classes sociais desprivilegiadas economicamente. Nada encontrei sobre perseguições ao bumba boi, no *Livro Centenário da Parnaíba*, por exemplo, cultura é sinônimo de alta cultura, representada pela poesia. Os autores do capítulo “Segurança Pública e Criminalidade” só nos informam que “as medidas de saneamento, tomadas pelas autoridades policiais, tem conseguido bom êxito na repressão a pratica do curandeirismo e baixo espiritismo”<sup>39</sup>, nada que nos fale diretamente sobre o boi. Em Parnaíba, na década de 20 surgiu o *Almanaque da Parnaíba* principal periódico da cidade tendo como editores e Benedicto Jonas Correia e Benedicto dos santos Lima o Bembém, maior editor da história da cidade, que não escreveu, nem editou nada sobre boi, como nos lembra o editor do jornal *O Bembem*, estudioso do boi Parnaibano, fundador e primeiro presidente da liga de bois e profundo conhecedor da obra do seu falecido pai.

A brincadeira de Boi em Parnaíba e por consequência o seu Ritual de Morte não tem um caráter estático pregado por alguns tradicionalistas. Mesmo nos bois apontados como “verdadeiramente” Parnaibanos, como os da Ilha Grande de Santa Isabel, tanto no gigante e premiado Novo Fazendinha quanto no Boi de porte médio Brilho da Ilha, notamos a existência de traços culturais presentes também na parte maranhense do Delta, inclusive nos próprios brincantes e ate mesmos nos amos como é o caso do Seu Rodrigues, o primeiro

<sup>36</sup> CADÊ os bois. *O Bembém*. Ano 6, n. 67, 21 de Julho de 2013.

<sup>37</sup> BOTTO, 1931, p. 215.

<sup>38</sup> CADÊ os bois. *O Bembém*. Ano 6, n. 67, 21 de Julho de 2013.

<sup>39</sup> CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. (Orgs.). *O livro do centenário de Parnaíba: Estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944, p. 237.

“Canarinho” do Boi Novo Fazendinha, migrante Maranhense que aos oitenta anos ainda é considerado um dos maiores Amos de Parnaíba. Ficou evidente também, o impacto que a estética carnavalesca do bairro São José tem provocado nos Bois não só do seu bairro, com no segundo maior vencedor da década.

Ficou evidente também o gigantismo do ritual de morte do Rei da Boiada que mesmo tendo uma população que corresponde a aproximadamente 10% da população da ilha de São Luís consegue levar uma multidão no mínimo igual ao dos grandes rituais de morte de São Luís. Para os brincantes e para a comunidade, o ritual de morte soa mais importante que o São João da Parnaíba, é um dos principais eventos culturais da cidade, apesar de não estar incluída na lista oficial da prefeitura, cidade onde a secretaria de cultura foi transformada numa superintendência subordinada a um gestor que além da cultura e do esporte tem que cuidar também da educação. Mesmo assim os bois sobrevivem mesmo não sendo a “menina dos olhos” da prefeitura nem mesmo no São João. No coração das autoridades, toca uma quadrilha, branca, ascética e de classe média. No coração do povo parnaibano toca uma toada, nascida como nos lembra o mestre Cascudo do mestiço Brasileiro, acolhida e recriada ricamente pelo povo pobre da cidade de Parnaíba. Estamos esperando a sua visita boieiro. Saudações Joaninas.